



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FACED
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA



PAULA TATIANE RIBAS CAMPOS ROSA

MEMORIAL REFLEXIVO: MINHA TRAJETÓRIA REFLETIDA EM UM ESPELHO

UBERLÂNDIA
2021

PAULA TATIANE RIBAS CAMPOS ROSA

MEMORIAL REFLEXIVO: MINHA TRAJETÓRIA REFLETIDA EM UM ESPELHO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para a aprovação do componente curricular Monografia II - TCC do Curso de Pedagogia a distância, sob a orientação da Professora Doutora Iara Maria Mora Longhini.

UBERLÂNDIA
2021

Dedico este trabalho em primeiro lugar ao Senhor Jesus, minha inspiração diária. Rm 11:36 “Porque Dele, e por Ele, e para Ele, são todas as coisas; glória, pois, a Ele eternamente. Amém.” Aos meus filhos Gabriela, Isabela e Joel, os principais motivadores nessa trajetória. E, em especial, ao meu marido Daniel por todo apoio que me proporcionou nestes quatro longos anos. E por fim, à minha amiga e pastora Lorena, que se permitiu ser um instrumento e incentivar a realização de um sonho.

RESUMO

O processo educativo ao longo do tempo passou por várias mudanças, algo relativamente comum para uma sociedade que está em constante crescimento e desenvolvimento. Entretanto, recentemente, a crise sanitária que se instalou mundialmente com a covid-19 ocasionou transformações, ainda que relevantes no âmbito educacional, para além das atuais estruturas que o sistema de ensino brasileiro possui. O isolamento social adotado conduziu as escolas a aderirem ao “ensino remoto” mediado pelas ferramentas tecnológicas. O distanciamento social foi a maneira mais viável adotada pelos órgãos de saúde para conter a disseminação do vírus, sendo que tal medida interferiu diretamente na esfera escolar. Diante disso, vale ressaltar a importância de se discutir o relevante papel que a afetividade possui na relação entre professor e aluno, sendo indispensável ao longo do processo educativo. O objetivo central deste trabalho é abordar a influência da afetividade na relação entre professor e aluno, bem como as implicações e os efeitos provocados no processo pedagógico. Além do mais, é importante também procurar entender como a afetividade trabalhada no ambiente escolar tem impactado a vida dos indivíduos no seio da sociedade. Propõe-se, assim, apresentar reflexões e analisar como tem sido trabalhado esse vínculo entre docente e discente no modelo de ensino remoto. A metodologia para realizar o trabalho consistiu de uma pesquisa bibliográfica. Evidencia-se que as práticas pedagógicas mediadas com afetividades contribuem para a formação do sujeito de forma não só intelectual, mas também humana. A necessidade da afetividade na relação entre professor e aluno, ainda que dentro do contexto de distanciamento e isolamento social, continua sendo fundamental para construção de um processo de ensino aprendizagem eficaz. Mesmo distantes, é possível que os indivíduos envolvidos no processo educativo constituam uma boa relação na qual as habilidades e competências do sujeito em formação sejam desenvolvidas.

Palavras-chave: Afetividade. Relação professor-aluno. Ensino aprendizagem.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. DA MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA À DISCENTE DE PEDAGOGIA.....	7
3. REFERENCIAL TEÓRICO	10
3.1.A importância da afetividade na relação professor e aluno.....	11
3.2.O professor como mediador	14
3.3.A afetividade no contexto escolar em tempos de pandemia.....	15
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
5. REFERÊNCIAS	19

1. INTRODUÇÃO

Através das vivências que venho experimentando no decorrer do curso de Pedagogia à distância me despertou a motivação para a escolha do tema que aborda a importância da afetividade na relação professor e aluno.

Quero destacar que, ao longo desses quase quatro anos de curso, esta é a primeira vez que temos uma relação mais próxima com um professor. Essa relação próxima tem sido possível nas disciplinas de TCC I e II, pois no formato do curso à distância, as experiências são mais direcionadas para a aplicação via internet, e isso demanda um planejamento detalhista e voltado aos meios digitais. As aulas são 100% gravadas e algumas são transmitidas por videoconferência, para o esclarecimento de dúvidas dos discentes.

O curso conta com tutores aos quais os alunos solicitam auxílio no intuito de sanar suas dificuldades. A interação se dá noventa por cento do total da carga horária apenas com os tutores. Hoje, mediante ao cenário mundial de pandemia que estamos enfrentando, todo o ensino presencial foi modificado e transformado no ensino remoto, sendo que há uma pequena semelhança com a educação à distância. As ferramentas utilizadas para o ensino remoto também são a tecnologia e a internet.

Diante disso, interessei-me em pesquisar sobre esse assunto e resolvi desenvolver uma temática que aborda a importância da afetividade na relação professor e aluno, aluno e professor, numa via de mão dupla e problematizo: em tempos de pandemia, de distanciamento social e de ensino remoto, a afetividade continua sendo fundamental para o processo de ensino aprendizagem? Reforço: como tem se desenvolvido a afetividade na relação professor e aluno no ensino remoto? Concluo a problemática ressaltando: os docentes ainda se mantêm atentos para exercerem seus papéis de mediadores do conhecimento frente ao contexto de pandemia que estamos vivenciando? Tais questionamentos objetivam a necessidade de pesquisar e refletir sobre a importância e a contribuição da afetividade no processo de ensino aprendizagem, buscando compreender como os vínculos afetivos influenciam na formação integral do indivíduo.

Dessa forma, o texto está organizado em outras três partes, além dessa breve introdução, a saber: memorial reflexivo intitulado “da minha trajetória pessoal à discente de pedagogia”, referencial teórico e considerações finais. A primeira parte trata-se do memorial inspirado em minha trajetória de vida pessoal até chegar no curso de pedagogia. A segunda é uma revisão bibliográfica sobre o tema central. Na terceira parte, são feitas as considerações finais, com base na reflexão de uma prática pedagógica afetiva.

2. DA MINHA TRAJETÓRIA PESSOAL À DISCENTE DE PEDAGOGIA

No dia 21 de outubro de 1983, mais precisamente às 15 h, veio ao mundo, na maravilhosa cidade de Uberlândia, uma pequena criança que recebeu o nome de Paula Tatiane Ribas, euzinha. Filha de Maria Aparecida e Ernesto Saraiva Ribas, uma família simples, oriunda da cidade de Brasília, que se mudou para a cidade de Uberlândia em busca de melhores condições de vida.

Minha mãe relata que quando soube que estava grávida, pela segunda vez, ficou desesperada, pois os recursos para poderem viver eram muito escassos e os tempos eram bem precários, sendo que às vezes ela (mamãe) chegava até passar mal de fome. Na minha casa já tinha outra criança com três anos, meu irmão Paulo Ubiratan Ribas e, devido às condições financeiras serem bem difíceis, meus pais optaram em ter apenas dois filhos.

Passei toda minha infância no bairro Planalto em Uberlândia, antigo Tancredo Neves, um lugar muito humilde, onde moravam também meus familiares mais próximos: minha tia Irene, meu tio Wilson, meus primos Zeiza, Welson e Washington.

Não tenho muitas recordações dos primeiros anos da minha vida, minhas lembranças começam a partir dos meus seis anos de idade. Antigamente o acesso à educação infantil era a partir dos seis anos de idade e o ingresso era no antigo modelo chamado pré-escolar, hoje primeiro ano do ensino fundamental.

Lembro-me que havia uma ansiedade muito grande em mim para poder iniciar na escola, pois me recordo do meu irmão e meus primos dizerem a mim “você não pode entrar na escola se não souber escrever pelo menos o seu nome”, então eles me mostravam como se escrevia Paula com letras de forma. Aprendi a desenhar meu nome sem saber quais eram aquelas letras que eu estava desenhando, não tinha sentido e nem significado algum para mim, pois aquilo era apenas um desenho do meu nome. Recordo-me que o quadro onde escrevíamos era a parede da minha casa e o giz era um pedaço de telha ou tijolo quebrado.

Meus pais não tiveram oportunidade de estudar, mas eles sempre diziam que era importante ter estudo, por mais que eles não tiveram essa condição de frequentar a escola, eles sabiam e valorizavam os estudos, então eu e meu irmão fomos matriculados em uma escola no centro da Cidade, a Escola Estadual Enéas de Oliveira Guimarães.

Nessa escola, realizei o ensino fundamental do pré até o 4º ano. Eu morava em um bairro mais afastado e estudava no centro da cidade. De fato, meus pais fizeram uma boa escolha ao

me matriculem em uma escola central, pois isso marcou muito os anos iniciais do meu ensino escolar e até hoje, depois de 32 anos, tenho boas lembranças daquele tempo.

Quando finalizei o quarto ano do ensino fundamental, foi necessário ir para outra escola, então ingressei na Escola Estadual Ignácio Paes Lemes, escola que também é localizada na parte central da cidade. Meus pais sempre se esforçaram para proporcionar a mim e a meu irmão um estudo de qualidade, dentro do que era possível para eles.

Os colégios em que estudamos pertencem à rede pública de ensino, mas, naquela época, eram considerados escolas que tinham a fama de ter um ensino melhor, sendo que o esforço dos meus pais era em arcar com o transporte, pois as referidas escolas eram distantes de nossa casa.

No sétimo ano do ensino fundamental eu passei a estudar no período noturno, pois precisei trabalhar para ajudar com as despesas em casa. Do sétimo ano em diante eu concluí o ensino fundamental e ensino médio no período da noite. Todavia, mesmo estando em uma escola com uma qualidade de ensino um pouco melhor, percebi que o período noturno deixava um pouco a desejar em relação ao diurno.

Ao concluir o ensino médio em 2001, tinha o desejo de fazer um curso superior. Eu era apaixonada por conhecer melhor as Ciências Sociais, porquanto, participei do vestibular da UFU e passei para a segunda fase, porém não obtive êxito. No ano de 2002, novamente prestei vestibular na UFU, dessa vez para o curso de História, entretanto, mais uma vez não consegui a vaga. Como não tinha, no momento, nenhuma possibilidade de conseguir pagar um curso em uma faculdade particular, acabei não realizando o meu desejo de cursar o ensino superior.

Em 2003 me casei e logo após seis meses de casada fiquei grávida, então me dediquei à minha família e tive que adiar meu sonho, porque os ganhos com o trabalho não me possibilitaram pagar um curso para minha graduação. Todavia, eu sempre mantinha vivo no meu coração aquele desejo de ingressar na faculdade, me lembrava dos conselhos do meu pai que sempre me dizia “minha filha, estuda”.

Me lembrava dos esforços que meus pais fizeram para me proporcionar um ensino de melhor qualidade, quantas vezes meu pai deixou de comprar comida para pagar o transporte escolar. Tenho ciência de algumas vezes que ele fez isso, mas também sei que em muitas outras, ele nem sequer deixava a gente saber.

Enfim, guardei o meu sonho por um bom tempo, mas, após inúmeros desafios, meu dia chegou. Hoje, um pouco mais madura e com mais discernimento, pude cursar o curso de Pedagogia da UFU no modelo à distância e estou aqui nesse memorial compartilhando que estou prestes a finalizar mais essa etapa maravilhosa da minha vida.

Como mencionei, anteriormente, o desejo de cursar o ensino superior ainda estava latente no meu coração, pois sempre gostei muito da área da educação, mas, já com 34 anos de idade, ficava me questionando sobre como a turma que está fazendo o ensino médio neste tempo mudou, há muitas informações, conectividade virtual, sendo que hoje existem diversas ideologias e há uma galera aí que está com a cabeça cheia de erudição, porém, a meu ver, tanta compreensão não é dissolvida em conhecimento, porque acredito que a família é a melhor base para uma boa educação, mas quando olho para a sociedade em si, vejo que as famílias, em sua grande maioria, estão debilitadas e as crianças e adolescentes refletem bem essas fragilidades.

Diante disso, interessei-me por atuar na parte de educação para crianças, acredito que no ensino fundamental é menos complexo que o ensino médio, pois as crianças são mais receptivas, as vejo mais acessíveis e por isso me interessei pelo curso de pedagogia.

Porém, desde que me casei, não parei de trabalhar para poder ajudar nas despesas da casa. Tive mais dois filhos, minha primogênita nasceu em 2004, a filha do meio em 2011 e o caçula em 2013, Gabriela, Isabela e Joel, respectivamente. Sempre priorizei minha família, como trabalhava o dia inteiro e só tinha tempo no período da noite para estar com meus filhos, não tinha como pensar em realizar meu sonho naquele momento, pois, como trabalhar o dia inteiro e depois encarar um curso noturno? Que momento iria ter com minha família? Não cabia na minha rotina tal anseio.

Uma amiga muito preciosa às vezes me perguntava se eu não ia voltar a estudar, e eu respondia: “ou eu estudo ou eu trabalho, não consigo fazer os dois, e por enquanto não posso parar de trabalhar” essa era minha resposta. Então ela sempre me falava sobre cursos à distância, mencionava algumas pessoas conhecidas que fizeram ou estavam cursando, mas eu tinha uma certa resistência muito grande com um curso a distância, tinha vários pré-conceitos e respondia “eu quero mesmo é fazer uma faculdade presencial”.

No ano de 2017 essa amiga me mandou uma mensagem falando sobre a inscrição para curso de Pedagogia à distância da UFU. Eu olhei, mas não me interessei, mesmo assim fiz minha inscrição com o seguinte pensamento: “impossível conseguir essa vaga, ainda mais na UFU”. Eu tinha pedido no ato da inscrição a isenção da taxa de matrícula, mas não tive resposta, então nem me preocupei em estudar, porque achei que não conseguiria a isenção da taxa e como não tinha pago a inscrição não seria possível realizar a prova.

Na semana da aplicação da prova, tive a resposta que minha inscrição estava confirmada. Então, como já estava muito perto do dia da prova, dei uma revisada em como construir uma redação e fui fazer a prova sem nenhuma expectativa de conseguir a vaga, primeiro porque não era o que eu queria (queria mesmo era uma faculdade presencial) e

segundo, não tinha estudado. Mas o tempo passou e para minha surpresa consegui a vaga e o ingresso no curso à distância.

Quando ingressei no curso, alguns preconceitos foram caindo por terra, comecei a ter outra visão sobre estudar à distância. Ainda não perdi o desejo de realizar um curso superior presencial, mas acredito que esses quatro anos de pedagogia à distância foram de grande avanço e crescimento em minha vida.

Devido ao tempo de mais de 17 anos desde que havia parado de estudar, o curso despertou em mim muitos desejos que estavam guardados, é um misto de emoções, mesmo partindo para parte final da graduação, ainda me sinto em formação, e às vezes questiono a mim mesma e chego à conclusão “estou me formando para educadora, mas ainda preciso me educar”. Quando olho no espelho, percebo o quanto melhorei no decorrer do curso, entretanto, ao mesmo tempo, diante do mesmo espelho, percebo muitas imperfeições e sei que preciso trabalhar para ajustar diversas coisas.

Durante algum tempo na minha vida, fiquei sem me olhar no espelho, sem admirar minha própria imagem, vivi uma espécie de apagamento, sem me atentar para os detalhes que me delineiam, sem me priorizar. Hoje sei o quanto é importante a figura do espelho, ele é um alerta para não negligenciarmos nossas próprias vidas, por isso escolhi relacioná-lo como o título do meu trabalho: “Minha Trajetória Refletida No Espelho”.

3. REFERENCIAL TEÓRICO¹

A afetividade é fundamental para as relações humanas e acompanha o indivíduo desde o nascimento até a morte. De acordo com Ferreira (1999, p.62), “a afetividade significa conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre de impressão de dor ou prazer, satisfação ou insatisfação, de alegria ou tristeza”.

Na relação professor-aluno, entendemos que o clima afetivo é fundamental para a formação integral do aluno. Para melhor compreensão sobre o tema, o texto a seguir assume o caráter teórico e as discussões se dão a partir de estudos já realizados por outros teóricos. Conforme Gil (2010, p. 30) citado por Conceição *et. al* (2019, p.2), o estudo ou pesquisa teórica

¹ As considerações realizadas no capítulo intitulado “referencial teórico” deste trabalho foram desenvolvidas em parceria com a discente Thalita Martins Pereira Pagoto.

traz como principal vantagem “[...] permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”. Tal vantagem existe porque o estudo teórico tem sua elaboração em trabalhos já elaborados, promovendo um olhar mais específico a uma questão norteadora.

Assim, a redação está organizada em três subcapítulos: o primeiro subcapítulo aborda a importância da afetividade na relação professor-aluno; o subcapítulo dois, discorre sobre o papel do professor enquanto mediador do conhecimento e o terceiro e último subcapítulo discute a afetividade no contexto escolar em tempos de pandemia.

3.1. A importância da afetividade na relação professor e aluno

A afetividade é fundamental para a formação integral do ser humano. Neste sentido, verificamos a influência dos aspectos afetivos no desenvolvimento da personalidade e caráter do indivíduo bem como no processo de ensino-aprendizagem no contexto escolar.

Passamos boa parte de nossas vidas dentro de uma escola e é nesse ambiente e através das relações interpessoais que o nosso caráter irá se moldar. Para Jean Piaget (1975, p. 226), “cada um dos personagens do meio ambiente da criança ocasiona em suas relações com ela uma espécie de esquema afetivo, isto é, resumos ou moldes dos diversos sentimentos sucessivos que esse personagem provoca”.

Assim, a soma de todos esses esquemas afetivos e sentimentos irão influenciar diretamente no desenvolvimento do caráter e da personalidade do sujeito. Além disso, a educação formal e os cuidados que o aluno recebe na escola são fatores determinantes para a sua constituição enquanto cidadão crítico e consciente da sua realidade.

A escola é uma extensão do conhecimento que a criança recebe no interior da família. Assim, um ambiente permeado de afeto, diálogo e respeito pode contribuir para que o aluno aprenda a conviver em sociedade de forma mais harmoniosa, e isso se torna muito importante para o desenvolvimento do sentimento de empatia e comprometimento na relação com o outro.

Sobre isso, Maturana (1997) diz que:

O educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência. O educar ocorre, portanto, todo o tempo e de maneira recíproca. Ocorre como uma transformação estrutural contingente com uma história no conviver, e o resultado disso é que as pessoas aprendem a viver de uma maneira que se configura

de acordo com o conviver na comunidade em que vivem. A educação como “sistema educacional” configura um mundo, e os educandos confirmam em seu viver o mundo que viveram em sua educação (MATURANA, 1997 p. 29).

No que se refere à influência da afetividade no processo de ensino-aprendizagem, corroboramos que para educar é preciso ter afeto já que uma relação afetiva entre professor e aluno pode ser um fator positivo e determinante para a aquisição do conhecimento por parte do aluno.

Existe uma relação intrínseca entre os aspectos afetivos e cognitivos. A afetividade está interligada às funções cognitivas; uma não poderia funcionar sem as outras. O desenvolvimento afetivo se dá paralelamente ao cognitivo; por isso, para haver cognição na sala de aula é preciso ter afetividade com os colegas, professores e os conteúdos, mas isso não significa que se não tiver afeto não terá cognição (ARANTES, 2002 *apud* BARBOSA, 2020, p.3).

Sobre isso, entendemos que se professor e aluno instituem vínculos afetivos em suas relações cotidianas, a comunicação se torna mais fácil e, conseqüentemente, a compreensão dos conteúdos fica mais clara e acessível, daí ratificamos que a afetividade auxilia de forma positiva a aprendizagem.

Além da facilidade na comunicação entre professor e aluno, vale ressaltar que as práticas pedagógicas baseadas no afeto despertam no educando a motivação, a segurança e o desenvolvimento da autoestima, que são fatores imprescindíveis para a construção do conhecimento bem como para a aquisição de habilidades sociais e afetivas.

Vários teóricos buscaram explicar o tema em estudo. Vamos ressaltar as contribuições de Henri Paul Hyacinthe Wallon (1879-1962), um pesquisador francês que destacou a importância que possui o meio sociocultural na construção do conhecimento, sendo que essa construção passa a depender do contexto no qual o indivíduo está inserido. O pesquisador também destaca a relação entre a afetividade e a inteligência no processo de aprendizado, aproximando a relação entre o biológico e o social.

Nas palavras de Wallon (1975):

O eu e o outro constituem-se, então, simultaneamente, a partir de um processo gradual de diferenciação, oposição e complementaridade recíproca. Compreendidos como um par antagônico, complementam-se pela própria oposição. De fato, o Outro faz-se atribuir tanta realidade íntima pela consciência como o Eu, e o Eu não parece comportar menos aparências externas que o outro. (WALLON, 1975, p.159)

Ademais: "há tomada de consciência pelo indivíduo do grupo de que faz parte, há tomada de consciência pelo grupo da importância que pode ter em relação aos indivíduos".

(WALLON, 1975, p.215). Logo, a afetividade constitui um agente muito importante no processo de desenvolvimento do indivíduo e na relação com o outro, ou seja, o sujeito poderá se discernir como pessoa por meio desse outro.

Podemos inferir que o processo de desenvolvimento cognitivo associado a manifestações afetivas impacta de forma direta no desenvolvimento completo do indivíduo. Na época dos estudos de Wallon, havia uma tendência de supervalorização dos estudos que tinham como focos centrais os processos cognitivos e intelectuais, os quais envolviam raciocínio e memória, sem a devida importância das questões relacionadas ao emocional dos indivíduos.

A teoria psicogenética proposta por Wallon compreendia a criança em seus aspectos afetivo, intelectual, biológico e social, sendo que esta nova proposta trouxe grande avanço no processo de ensino, uma vez que sintetizava que a criança deveria ser entendida de uma forma completa.

Ainda, na perspectiva de Wallon, é importante reforçar que o estudo da pessoa completa envolve o caráter cognitivo, o afetivo bem como o motor. O marco diferencial do pensamento do pesquisador é a busca de conciliação entre o caráter biológico e o social, segundo ele, existe entre o ser e o meio uma íntima relação, sendo que, ela exerce clara influência sobre o indivíduo, sendo esta influência de domínio biológico e social.

Neste sentido, Gallahue (2005) citado por Brito (2019) constata que:

O desenvolvimento motor está relacionado às áreas cognitiva e afetiva do comportamento humano, sendo influenciado por muitos fatores. Dentre eles destacam-se os aspectos ambientais, biológicos, familiar, entre outros. Esse desenvolvimento é a contínua alteração da motricidade, ao longo do ciclo da vida, proporcionada pela interação necessidades da tarefa, a biologia do indivíduo e as condições do ambiente (GALLAHUE, 2005, p. 3 *apud* BRITO, 2019, p.9).

Diante das importantes contribuições de Wallon precisamos considerar a afetividade como elemento indispensável no processo de formação e de ensino do indivíduo, e, além disso, enxergá-lo em sua completude, mas sem abandonar a ideia de que esse ser humano está em constante desenvolvimento.

Tendo em vista a manifestação da afetividade vivenciada pela criança em sua vida social, é possível que se trabalhe a importância cultural, sociocultural, o respeito, a compreensão no contexto escolar. Além disso, é interessante que o educador estabeleça uma conexão entre a afetividade e inteligência, pois os processos cognitivos que possibilitam a aprendizagem se relacionam diretamente com os sentimentos do sujeito, sendo assim a criança consegue aprender mediante aquilo que ela aprecia.

3.2. O professor como mediador

A mediação pedagógica é de extrema importância para o processo de ensino-aprendizagem. Neste sentido, o papel do professor é o de mediar o conhecimento direcionando o educando para a construção plena do saber visando à formação de um cidadão crítico, reflexivo e consciente da sua responsabilidade social.

Analisando a perspectiva de Vygotsky sobre a mediação, verificamos que segundo esse pensador, o papel do professor é o de mediador ativo, o qual por meio de suas práticas pedagógicas, influenciará no desenvolvimento da aprendizagem do aluno. Ainda há de se considerar que a abordagem do pensamento de Vygotsky é sociointeracionista, e por essa razão, ele afirma que o desenvolvimento cognitivo não está dissociado do meio em que o sujeito está inserido.

Para Vygotsky (1991), é a partir de um profundo processo de interação entre as pessoas que se dá a construção do conhecimento. Ainda destaca que o papel do “outro” é o de mediar tanto a constituição do sujeito e em suas formas de agir, quanto no processo de construção do conhecimento. Sobre isso, o pensador afirma que o sujeito é interativo pois adquire conhecimentos a partir de relações intra e interpessoais e de troca com o meio, a partir de um processo denominado mediação.

De acordo com Libâneo (1994):

A aprendizagem escolar tem um vínculo direto com o meio social que circunscreve não só as condições de vida das crianças, mas também a sua relação com a escola e estudo, sua percepção e compreensão das matérias. A consolidação dos conhecimentos depende do significado que eles carregam em relação à experiência social das crianças e jovens na família, no meio social, no trabalho. (LIBÂNEO, 1994, p. 87)

Assim, o professor mediador surge como uma figura de suma importância para o desenvolvimento do aluno e de seu aprendizado, levando-o a interagir com o meio na busca de um conhecimento contextual elaborado a partir das trocas sociais (CONCEIÇÃO *et al.*, 2019).

Além disso, se faz necessário que o professor estabeleça uma parceria com o educando numa relação de respeito e confiança, em que as partes envolvidas no processo de ensino e aprendizagem possam aprender reciprocamente. Deste modo, o professor mediador motiva o aluno para a construção do seu saber e do seu ser. E é através desse ensino mediado que o aluno poderá desenvolver as habilidades criativas, questionadoras e também ser ativo na construção de novos conhecimentos.

Na concepção de Vygotsky (2007) *apud* Conceição *et al.* (2019), o professor é aquela pessoa que organiza o ambiente onde se forma o processo de aprendizagem, pois é no ambiente de sala de aula onde o aluno elabora e constrói seu aprendizado. Este espaço se torna parte importante neste processo de aprender, cabendo ao professor torná-lo o mais agradável possível, sendo que o ambiente e as situações geradas irão produzir conhecimentos, caracterizando a figura do professor como um mediador e criador de situações de aprendizagem.

Ao assumir o papel de mediador pedagógico, o professor torna-se provocador, contraditor, facilitador, orientador. (...) primeiro o professor faz a leitura do conteúdo, apropriando-se dele. Em seguida, coloca-o à disposição dos alunos que, por sua vez, o refazem, o reconstróem para si, tornando-o seu, dando-lhe um novo sentido (GASPARIN, 2007, p.113-114).

Logo, nesse processo de permanente aprendizado, estabelece-se de forma coletiva - estudantes e professores - a postura dos alunos frente à construção do conhecimento, a qual deve assumir um caráter ativo, descobridor, transformador e empreendedor, ou seja, o aluno precisa ser atuante em todo o percurso bem como em todas as decisões. Um processo de ensino e aprendizagem se torna eficiente quando há cooperação, trabalho em equipe, e um professor que se empenhe para desenvolver as habilidades e competências dos alunos e estes sendo coautores de seus próprios desenvolvimentos.

3.3. A afetividade no contexto escolar em tempos de pandemia

O atual cenário de pandemia trouxe mudanças e novas percepções para a vida cotidiana das pessoas. No que diz respeito à educação constatamos inúmeras transformações e adaptações para minimizar os impactos nos processos educacionais. Nesse contexto, a situação de calamidade pública ocasionada pela pandemia da Covid-19 fez com que as aulas presenciais fossem suspensas em todo país desde março de 2020.

Vale ressaltar que uma grande crise educacional foi desencadeada nesse período. As escolas não puderam mais receber as pessoas por causa da restrição de circulação adotada como medida de segurança contra o novo coronavírus. A grande maioria da população deveria ficar em casa e somente os serviços essenciais funcionariam de forma presencial, ou seja, foi determinado um criterioso isolamento social.

Nesse cenário, foi constatado que no Brasil, a Educação não é valorizada como um serviço essencial para o desenvolvimento da sociedade, pois no rol de atividades essenciais ela

não foi elencada. Então, em algumas regiões, os profissionais responsáveis pela educação tiveram que adotar a modalidade de ensino remoto. Os alunos recebiam em suas casas atividades que deveriam ser realizadas por meio das ferramentas digitais, disponibilizadas via programas e plataformas tecnológicas.

Dessa maneira, a relação entre alunos e professores foi bruscamente interrompida, pois o ambiente virtual de ensino não permite as mesmas interações. Os estudantes de escolas públicas enfrentaram dificuldades ainda maiores pela falta de acesso aos recursos tecnológicos e a desigualdade educacional no país foi agravada.

Pelo fato de as escolas particulares possuírem melhores recursos financeiros, elas se adaptaram de forma mais rápida à nova modalidade de ensino e a relação professor-aluno foi sendo retomada de maneira mais ágil através das ferramentas tecnológicas. Esse foi um motivo favorável para que o atraso no ensino desses educandos fosse minimizado.

Para melhor compreensão dos apontamentos citados, propomos uma reflexão sobre as práticas pedagógicas diretivas, não diretivas e relacional. Na primeira, dita pedagogia diretiva acontece o mito da transmissão do conhecimento, ou seja, nessa abordagem pedagógica, o professor fala e o aluno apenas reproduz o que lhe é apresentado. O estudante deve seguir as instruções que lhe são dirigidas por um professor que por vezes é uma figura autoritária, que dá ordens, instruções, e o aluno deve escutar e executar o que lhe é atribuído. Nesse método de ensino, o aluno é considerado uma tábula rasa em que são impressos os modelos de comportamento desejáveis segundo o olhar criterioso do docente.

No método da pedagogia não diretiva, o professor apenas auxilia o aluno na aprendizagem, o discente deve aprender por si mesmo. O professor é responsável por despertar o conhecimento que já existe no aluno, ou seja, o educando se torna responsável pelos assuntos a serem estudados conforme sua vontade e conveniência.

Já na abordagem pedagógica relacional, o método de ensino é centrado na relação professor-aluno em que ambos trazem suas bagagens, que serão compartilhadas na construção do conhecimento no processo de ensino-aprendizagem. O modelo destaca que o docente deve propor, investigar e estimular a participação do aluno. Nessa prática pedagógica, aluno e professor produzem o conhecimento, de forma dinâmica e conjunta, sendo compartilhado o conhecimento entre aluno e professor.

Retomando a questão do ensino remoto e com base nas práticas anteriormente apresentadas, destacamos que o ensino das escolas públicas teve um retrocesso significativo, uma vez que a prática pedagógica utilizada nesse momento de pandemia foi a pedagogia

diretiva, na qual o aluno permanece no polo passivo do ensino, recebendo apenas transmissão do conhecimento, sem a possibilidade de interação com o professor.

Com a suspensão das aulas presenciais, as escolas públicas adotaram o projeto PET (Plano de Estudo Tutorado), e ao lançar mão desta metodologia percebe-se que a construção do conhecimento deixa de ser estabelecida de forma coletiva e relacional entre os estudantes e professores e há um retrocesso sistemático na base metodológica do processo de ensino. É importante ressaltar que o período de pandemia afetou toda humanidade de forma inesperada e nesse cenário nos vimos obrigados a reposicionar as práticas pedagógicas na busca de minimizar os efeitos dessa catastrófica crise.

Observamos que na proposta de ensino remoto, ou mesmo na forma como o projeto foi colocado nas escolas públicas, as possibilidades de os professores optarem por uma postura que afetasse de forma positiva as experiências de aprendizagem dos alunos foram bem limitadas, todavia é possível sim ao docente se manter atento neste contexto de pandemia e estabelecer vínculos afetivos com os discentes, ainda que seja de forma virtual.

Sabemos que é necessário que haja uma mudança significativa nas práticas pedagógicas que até então vinham sendo realizadas pelos professores e esse duro e longo período nos mostrou isso. O professor é ainda o principal responsável pelo ensino estudantil, porém, vale salientar que ensinar não é apenas repassar informações ou mesmo atividades, é necessário ajudar o indivíduo a tomar consciência de si mesmo, dos outros, da sociedade em que reside e da sua função dentro dela. A tarefa de ensinar está muito além dos aspectos cognitivos.

No contexto escolar, a interação afetiva entre aluno e professor favorece o desenvolvimento e o aprendizado. O cidadão é constituído basicamente de sua história de vida, de suas experiências culturais e sociais, sendo que todo esse conjunto constitutivo é capaz construir sua autonomia, definir sua personalidade e contribuir para a interação social.

Mesmo com todos os desafios que o ensino remoto nos impõe, a afetividade na relação professor e aluno continua sendo fundamental em qualquer situação de aprendizagem. O professor deve procurar trabalhar atividades que levem o educando a uma ação ativa e construtiva, na qual sejam trabalhados, corpo, mente e sentimentos, pois esse conjunto de dimensões são partes indissociáveis do mesmo ser. O grande obstáculo para os educadores é conseguir que o processo de desenvolvimento cognitivo, aconteça associado a manifestações afetivas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na construção deste memorial reflexivo fomos impelidas a aguçar as nossas memórias, à medida que fomos lembrando as vivências educacionais que trilhamos ao longo de nossas jornadas estudantis. Percebemos quão relevante é a importância da afetividade na relação que é estabelecida entre o professor e o aluno, sendo que tal relação é essencial para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem.

Este trabalho além de remontar nossas próprias histórias pessoais, também nos conduz a refletir sobre as práticas pedagógicas que desejamos utilizar enquanto docentes. O atual momento pandêmico ao qual estamos inseridos nos mostrou que mesmo em meio a possíveis desafios externos que não conseguimos controlar, é necessário e possível estabelecer vínculos com os discentes, pois nós, enquanto profissionais da educação, somos responsáveis em conduzir o indivíduo ao seu desenvolvimento integral por meio das relações afetivas estabelecidas com ele.

Vale ressaltar que considerando toda revisão bibliográfica realizada neste trabalho apontamos ainda mais com veemência a importância da afetividade na relação professor-aluno. O indivíduo é essencialmente relacional, as relações repletas de afeto abrem passagem para o crescimento de competências e habilidades intrínsecas do sujeito envolvido no processo de ensino aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, E. S. Afetividade no processo de aprendizagem. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 41, 27 de outubro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/41/afetividade-no-processo-de-aprendizagem>
Acesso em 10 de outubro de 2021.

BRITO, M. S. S. **Afetividade no contexto educativo**: sua importância segundo os professores do ensino fundamental. Trabalho de conclusão de curso (Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande. 29 p. 2019. Disponível em <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/21529/1/TCC%20-%20MARIA%20S%C3%94NIA%20DE%20SALES%20BRITO.pdf>. Acesso em 15 de outubro de 2021.

CONCEIÇÃO, E. de F. V. da; SIQUEIRA, L. B.; ZUCOLOTTI, M. P. D. R. Aprendizagem mediada pelo professor: uma abordagem vygotskyana. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 8, n. 7, p. e30871139, 2019. DOI: 10.33448/rsd-v8i7.1139. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/1139>. Acesso em 19 de outubro de 2021.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio XXI**: o dicionário de língua portuguesa. 3ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREIRE, P. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

MATURANA, H. R. **Ontologia da realidade**. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

PIAGET, J. **A Representação do Mundo na Criança**. Rio de Janeiro: Record, 1975.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. Martins Fonte, São Paulo, 1991.

WALLON, H. A psicologia genética. Trad. Ana Ra. *In*: **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Estampa, 1975.